

As edições da Bíblia em circulação no Brasil

panorama atual

CLÁUDIO VIANNEY MALZONI

Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Há várias edições da Bíblia em circulação hoje no Brasil. Elencamos abaixo nada menos que treze edições. O elenco não pretende ser exaustivo e seria preciso dizer que nem todas as edições têm a mesma importância ou o mesmo impacto sobre a população cristã do país.

Começemos pelas três edições publicadas pela Sociedade Bíblica do Brasil: a **Bíblia Sagrada: versão revista e corrigida**, que segue a tradução de João Ferreira de Almeida na sua forma antiga, baseada nos manuscritos disponíveis na época em que esta tradução nasceu, o final do séc. XVII, o que, para o Novo Testamento, significa praticamente o *Textus Receptus*; **A Bíblia Sagrada: versão revista e atualizada**, que traz a tradução de João Ferreira de Almeida, atualizada em função dos manuscritos descobertos nos últimos séculos; a **Bíblia Sagrada: Nova Tradução na Linguagem de Hoje**.

A primeira edição aqui citada, surgiu de uma revisão do trabalho de João Ferreira de Almeida feita em Portugal, no final do século XIX. Já a segunda edição é o resultado de outra revisão do trabalho de João Ferreira de Almeida, feito no Brasil. Ela teve início em 1943 quando a então Sociedade Bíblicas Unidas criou uma comissão com cerca de trinta membros de

várias confissões evangélicas. O trabalho começou só em 1946 e durou aproximadamente treze anos. O objetivo da revisão era atualizar a linguagem, sem deixar desaparecer as características do antigo texto de Almeida.¹ Depois desta edição de 1959, uma segunda edição apareceu em 1993, resultado de um trabalho de revisão gramatical e de correções de harmonizações de referências e subtítulos.²

A Bíblia Sagrada chamada de Nova Tradução na Linguagem de Hoje surgiu no ano 2000. Ela é uma revisão de uma outra edição, chamada de **Bíblia na Linguagem de Hoje**, cuja edição completa para toda a Bíblia aconteceu em 1988, sendo que somente o Novo Testamento já tinha aparecido em 1973. Pode-se dizer que a Bíblia na Linguagem de Hoje e sua sucessora, a Nova Tradução na Linguagem de Hoje, são um contraponto à tradução de João Ferreira de Almeida. Esta nova iniciativa buscava suprir o que aparecia como uma lacuna da tradução de Ferreira: a linguagem distante do modo de falar da maioria da população brasileira.³ O objetivo, pois é este, o de atualizar a mensagem bíblica. O resultado obtido, no entanto, desde seu primeiro aparecimento gerou polêmica.

Os textos destas três edições podem ser facilmente consultados pela internet, no sítio da Sociedade Bíblica do Brasil: www.sbb.org.br.

Além da edição da Sociedade Bíblica do Brasil, há uma outra edição da Bíblia Sagrada, Nova Tradução na Linguagem de Hoje, que inclui os livros deutero-canônicos do AT, feita por Paulinas Editora.⁴

A Editora Vida publica a **Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional**. A edição surgiu de uma iniciativa da Sociedade Bíblica Internacional. Em 1990, ela reuniu um grupo de especialistas que trabalhou no projeto por quase dez anos. A edição brasileira mantém contatos com a versão inglesa, chamada de *New International Version*, sendo, porém, um trabalho independente.⁵

¹ **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**. Traduzida em português por João Ferreira de ALMEIDA. Edição revista e atualizada no Brasil. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969. Apresentação, p. 5.

² **Bíblia Sagrada**. Traduzida em português por João Ferreira de ALMEIDA. Revista e atualizada no Brasil, 2 ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. Apresentação, p. iv. Uma nova edição do trabalho de João Ferreira de Almeida surgiu em Portugal: **Bíblia ilustrada**. Volumes I-VII. Tradução: João Ferreira Annes d'ALMEIDA. Apresentação e fixação do texto: José Tolentino MENDONÇA. Ilustrações: Ilda DAVID'. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006. A apresentação, embora breve (p. 7-17), traz informações preciosas sobre a história da Bíblia em língua portuguesa, sobre a figura de João Ferreira de Almeida e sobre sua tradução da Bíblia em nossa língua.

³ **Bíblia Sagrada**: nova tradução na linguagem de hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005. Prefácio, sem numeração de página.

⁴ **Bíblia Sagrada**: nova tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Paulinas, 2005. Prefácio, sem numeração de página.

⁵ **Bíblia Sagrada**: nova versão internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000. Prefácio, p. sem numeração de página.

Entre as editoras católicas, a Editora Ave Maria publica a **Bíblia Sagrada**, conhecida como Bíblia da Ave Maria. De 1957, esta teria sido a primeira tradução da Bíblia feita no Brasil não mais a partir da Vulgata latina, mas a partir da tradução francesa dos monges de Maredsous, da Bélgica, que, por sua vez, era traduzida das línguas originais: hebraico, aramaico e grego. A edição surgiu sob o patrocínio do Centro Bíblico Católico de São Paulo.⁶ Seu texto pode ser acessado na internet pelo endereço: www.avemaria.com.br/editora/biblia.

Em 1981, aparecia a edição completa de **A Bíblia de Jerusalém** no Brasil. O NT já tinha sido publicado em 1976. A publicação aparecia pelas Edições Paulinas. A edição brasileira estava a cargo de um grupo importante de biblistas brasileiros, alguns dos quais tinham estudado na Escola Bíblica de Jerusalém. Esta edição era uma nova tradução brasileira do texto bíblico feita a partir das línguas originais, seguindo, porém, o texto já estabelecido pela edição francesa, da qual também eram traduzidas as introduções e notas.⁷ Em 1985, aparecia uma edição revista da própria edição brasileira e, em 2002, a Paulus Editora publicava a **Bíblia de Jerusalém: nova edição revista e ampliada**, baseada na edição francesa revisada de 1998.⁸

Em 1990, era publicada a **Bíblia Sagrada: Edição Pastoral**. Na época, a edição era feita pelas Edições Paulinas, atualmente é mantida pela Editora Paulus. O projeto era inteiramente brasileiro, tanto a tradução, feita a partir das línguas originais, quanto as introduções, apresentação do texto e notas.⁹

Seu texto está disponível na internet a partir do sítio da Editora Paulus: www.paulus.com.br.

Esta editora também publica, desde 2002 em sua versão completa, a **Bíblia do Peregrino**. Uma edição apenas com o Novo Testamento já tinha aparecido antes. Esta edição da Bíblia tem seu nome ligado ao do professor Luís Alonso Schökel e ao tipo de exegese de cunho literário e teológico que ele praticava. Quando começam os trabalhos para a edição brasileira da Bíblia do Peregrino, Alonso Schökel ainda vivia e tinha começado a fazer uma revisão das notas da primeira edição espanhola. Estas notas foram acrescentadas à edição brasileira. Em 1998, ele faleceu, pouco tempo antes de seu trabalho ser publicado no Brasil.¹⁰

⁶ **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Ave Maria, 2009. Prólogo à tradução, p. 5.

⁷ **A Bíblia de Jerusalém: Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1981. Apresentação, p. 7-8.

⁸ **Bíblia de Jerusalém: nova edição, revista e ampliada**. São Paulo: Paulus, 2002. Apresentação, p. 5.

⁹ **Bíblia Sagrada: edição pastoral**. São Paulo: Paulinas, 1990. Apresentação, p. 5.

¹⁰ **Bíblia do Peregrino**: Novo Testamento. São Paulo: Paulus, 2000. 2ª. ed. Prefácio à edição brasileira, p. 9.

As outras editoras católicas do Brasil também mantêm ao menos a publicação de uma edição bíblica. As Edições Loyola publicam, desde 1983, a **Bíblia Mensagem de Deus**, que é uma edição revisada de uma antiga tradução da Liga de Estudos Bíblicos (LEB), traduzida diretamente das línguas originais.¹¹ Atualmente, esta edição é feita em parceria com a Editora Santuário. A Editora Vozes, tem também sua **Bíblia Sagrada**. Esta edição tem sua origem em uma edição do Novo Testamento publicada em 1956. Esta edição passou por uma revisão e foi novamente publicada em 1978. Um novo trabalho de revisão do Novo Testamento e a tradução do Antigo Testamento teve início, sendo que em 1982 toda a Bíblia era publicada.¹²

A **Bíblia Sagrada: Tradução da CNBB** começou com a tradução dos textos bíblicos para uso litúrgico, aprovada pela Santa Sé em 1994. Em 1997, era publicado todo o Novo Testamento e, no ano 2000, surgia a edição de toda a Bíblia, em comemoração aos 500 anos de evangelização do Brasil e dos 50 anos da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Esta edição é feita em conjunto, por sete editoras católicas do Brasil (Ave Maria, Santuário, Loyola, Vozes, Salesiana, Paulus, Paulinas). A tradução, feita a partir dos idiomas originais grego, hebraico e aramaico, segue o modelo da Nova Vulgata.¹³

Completamos nossa lista com a **Tradução Ecumênica da Bíblia** (TEB), a versão brasileira da *Traduction Oecuménique de la Bible* (TOB). Mantida atualmente pelas Edições Loyola. O Novo Testamento foi publicado em 1987.¹⁴

Um elenco exaustivo incluiria ainda outras edições da Bíblia no Brasil, algumas das quais já não são mais publicadas.

Dentre as edições que mencionamos, as mais utilizadas são:

1. A **Bíblia Sagrada: versão revista e atualizada**, baseada na tradução de João Ferreira de Almeida (JFA-RA). Esta é a Bíblia utilizada pela grande maioria dos fiéis das igrejas reformadas e evangélicas.

¹¹ **Bíblia**: mensagem de Deus. Aparecida e São Paulo: Santuário e Loyola, 2003; Introdução geral à Bíblia, p. 11.

¹² L. GARMUS. **Bíblia Sagrada**, Petrópolis: Vozes, 1988; Apresentação, p. 9-10.

¹³ **Bíblia Sagrada**: tradução da CNBB. São Paulo: Loyola e Paulus, 2001; Apresentação, p. iii-iv (assinada por dom Jayme Henrique CHEMELLO) e Nota prévia, p. v-viii.

¹⁴ Um panorama das edições da Bíblia no Brasil pode ser encontrado em J. KONINGS, A arte de traduzir, **Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP**, ano 8, n. 2 (2009) p. 73-98, especialmente p. 94-97.

2. A **Bíblia Sagrada** da Ave Maria (AV). Na Igreja Católica, ela foi a Bíblia mais utilizada durante muito tempo pela maioria dos fiéis. Atualmente, é a edição mais utilizada pelos membros da Renovação Carismática.

3. A **Bíblia Sagrada, Edição Pastoral** (BP). Esta Bíblia surgiu para ser a Bíblia das Comunidades Eclesiais de Base. Seus comentários pretendem trazer uma visão do texto bíblico a partir da perspectiva da Teologia da Libertação.

4. A **Bíblia de Jerusalém** (BJ). No Brasil, tornou-se a principal Bíblia de estudo nos cursos de teologia para formação de presbíteros, sendo também usada nos cursos de teologia para formação de leigos. Tem boa aceitação também entre as igrejas reformadas.

Menos utilizadas mas também importantes são:

5. A **Bíblia Sagrada: nova tradução na linguagem de hoje** (NTLH). De menor aceitação, sobretudo pela utilização de inúmeras paráfrases.

6. A **Bíblia do Peregrino** (BPé). Trata-se de uma publicação recente no Brasil, sendo encontrada em cursos de teologia para formação de presbíteros.

7. A **Bíblia Sagrada: tradução da CNBB** (CNBB). É ainda pouco difundida, mas tem sua importância por ser uma versão oficial na Igreja Católica.

8. A **Tradução Ecumênica da Bíblia** (TEB). Também não é muito difundida, sendo encontrada em cursos de teologia tanto da Igreja Católica como das igrejas reformadas.

Proponho que façamos um breve exercício para conhecê-las. Tomemos em cada uma delas os cinco primeiros versículos do evangelho segundo João. Estes versículos nos trazem o início do Prólogo deste evangelho, uma das mais belas composições do Novo Testamento.

Jo 1,1-5: na tradução de João Ferreira de Almeida, revista e ampliada (JFA-RA)

¹ No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

² Ele estava no princípio com Deus.

³ Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, (RC por ele) e, sem ele, nada do que foi feito se fez.

⁴ A vida estava nele e a vida era a luz dos homens.

⁵ A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela. (RC não a compreenderam)

Jo 1,1-5; na Bíblia Sagrada da Ave Maria (AV)

¹ No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. ² Ele estava no princípio junto de Deus.

³ Tudo foi feito por ele, e sem ele nada foi feito. ⁴ Nele havia a vida, e a vida era a luz dos homens. ⁵ A luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam.

Jo 1,1-5: na Bíblia Sagrada, Edição Pastoral (BP)

¹ No começo a Palavra já existia:

a Palavra estava voltada para Deus,
e a Palavra era Deus.

² No começo ela estava voltada para Deus.

³ Tudo foi feito por meio dela,
e, de tudo o que existe, nada foi feito sem ela.

⁴ Nela estava a vida,
e a vida era a luz dos homens.

⁵ Essa luz brilha nas trevas,
e as trevas não conseguiram apagá-la.

Jo 1,1-5: na Bíblia de Jerusalém (BJ)

¹ No princípio era o Verbo
e o Verbo estava com Deus
e o Verbo era Deus.

² No princípio, ele estava com Deus.

³ Tudo foi feito por meio dele
e sem ele nada foi feito de tudo o que existe. (RA e sem ele nada foi feito)

⁴ Nele estava a vida (RA O que foi feito nele era a vida)
e a vida era a luz dos homens

⁵ e a luz brilha nas trevas,
mas as trevas não a apreenderam.

Jo 1,1-5: na Bíblia Sagrada, nova tradução na linguagem de hoje (NTLH)

¹ No começo aquele que é a Palavra já existia. Ele estava com Deus e era Deus. ² Desde o princípio, a Palavra estava com Deus. ³ Por meio da Palavra, Deus fez todas as coisas, e nada do que existe foi feito sem ela. ⁴ A Palavra era a fonte da vida, e essa vida trouxe a luz para todas as pessoas. ⁵ A luz brilha na escuridão, e a escuridão não conseguiu apagá-la.

Jo 1,1-5: na Bíblia do Peregrino (BPe)

¹ No princípio já existia a Palavra

e a Palavra se dirigia a Deus

e a Palavra era Deus.

² Esta, no princípio, se dirigia a Deus.

³ Tudo existiu por meio dela,

e sem ela nada existiu de tudo

o que existe.

⁴ Nela havia a vida,

e a vida era a luz dos homens.

⁵ A luz brilhou nas trevas,

e as trevas não a compreenderam.

Jo 1,1-5: na Bíblia Sagrada, tradução da CNBB (CNBB)

¹ No princípio era a Palavra, e a Palavra estava junto de Deus, e a Palavra era Deus. ² Ela existia, no princípio, junto de Deus. ³ Tudo foi feito por meio dela, e sem ela nada foi feito de tudo o que existe. ⁴ Nela estava a vida, e a vida era a luz dos homens. ⁵ E a luz brilha nas trevas, e as trevas não conseguiram dominá-la.

Jo 1,1-5: na Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB)

¹ No princípio era o Verbo,

e o Verbo estava voltado para Deus,

e o Verbo era Deus.

² Ele estava no princípio voltado para Deus.

³ Tudo existiu por ele;

e nada do que existiu

existiu sem ele.

⁴ Nele estava a vida,

e a vida era a luz dos homens,
⁵ e a luz brilha nas trevas,
e as trevas não a compreenderam.

Comecemos por uma comparação semântica, a escolha do vocabulário em língua portuguesa para render alguns dos principais termos gregos de nossa breve passagem. O primeiro deles, que se impõe pela evidência, é o termo λόγος. Quatro de nossas versões optam por traduzi-lo ao português por *Verbo* (JFA, AV, BJ e TEB), e outras quatro o traduzem por *Palavra* (BP, NTLH, BPe e CNBB). A primeira questão que poderíamos aqui levantar é se a opção pelo termo *Verbo* não revelaria ainda uma influência da Vulgata latina, com sua tradução “In principio erat Verbum”, mesmo depois que as traduções em língua portuguesa no Brasil passaram a ser feitas dos idiomas originais. Em outros termos, até que ponto vai o legado que a Vulgata latina nos deixou enquanto depósito de vocabulário para a tradução da Bíblia? Outros exemplos poderiam ser encontrados?

A opção por traduzir λόγος por *Verbo* também poderia ser explicada como uma tentativa de marcar uma diferença: aqui não se trata de uma *palavra* qualquer, mas da *Palavra* que é Deus. De fato, o evangelista João usa este termo grego outras vezes em seu evangelho, mas somente nestes versículos do Prólogo estas edições da Bíblia o rendem por *Verbo*. Ora, não seria o caso de se perguntar se o evangelista não teria querido precisamente não marcar esta diferença? A *Palavra* que é Deus não permanece uma *palavra* elevando toda a realidade que se diz com o termo *palavra*? Não seria isso um reflexo do paradigma da encarnação na criação da linguagem teológica? Alguns comentários atuais do evangelho segundo João sequer usam mais o termo *Verbo*, preferindo o termo *Lógos*, tomando um caminho que nos parece se distanciar ainda mais da linguagem comum. Não desapareceria, dessa forma, um elemento de surpresa de nosso texto bíblico em sua afirmação que “a *Palavra* era *Deus*”? Digo surpresa para nós, pois parece-me que o evangelista João conhecia bastante bem as tradições judaicas de seu tempo que aparecem, por exemplo, no Targum de Gn 1,1 “Desde o começo, a Palavra de Javé, com sabedoria, criou e concluiu os céus e a terra”. Quem cria, para o Targum, é a “*Palavra* de Javé”.

Há ainda uma questão de gênero que não deve ser deixada de lado. O termo grego λόγος é do gênero masculino, enquanto que o termo *palavra* no português é do gênero feminino. Ao retomá-lo nas frases seguintes, o grego se

serve do pronome masculino, uma tradução portuguesa que optasse pela tradução de λόγος por *palavra* teria que retomá-lo com um pronome feminino. A NTLH tenta contornar a dificuldade com a paráfrase “No começo aquele que é a Palavra já existia”, podendo retomar, na seqüência, “aquele que é a Palavra” com o pronome masculino. As outras traduções (BP, BPe e CNBB) enfrentam realmente a questão. O resultado não me parece insatisfatório.

Para o v. 5, notemos que a maior parte das edições elencadas traduz a forma verbal φαίνει por *brilha* (BP, BJ, NTLH, BPe, CNBB, TEB), enquanto que outras duas usam *resplandece* (JFA e AV). Todas rendem σκοτία por *trevas*, exceto a NTLH que traz *escuridão*. Mas é para o final deste versículo que temos a questão mais interessante. Como traduzir a forma verbal κατέλαβεν? Os dicionários gregos trazem para o verbo καταλαμβάνω os significados de *colher*, *apoderar-se*, *agarrar*, *compreender*, *apreender*, *subjugar*. Tenho a impressão que temos aqui um exemplo típico de um caso em que uma escolha se impõe ao tradutor, mas que não lhe advém da lógica interna do texto que está traduzindo. Em outras palavras, um termo que com sua riqueza de possibilidades de sentidos servia muito bem ao escritor bíblico, surge como um problema espinhoso diante do tradutor.

Vejam os que se deu com as traduções que elencamos acima. Os tradutores da AV, BPe e TEB optaram por *compreenderam*. O tradutor da BJ se serviu de *apreenderam*. Já BP e NTLH usaram o verbo *apagar*, o que se justifica se se trata da *luz*. A tradução da CNBB emprega o verbo *dominar*. Oscilamos entre os significados *compreender* e *subjugar*. O exemplo mais típico ocorre com as duas versões que se reclamam o patronato de João Ferreira de Almeida. A RA usa o verbo *prevalecer*, a RC usa o verbo *compreender*. As questões que envolvem a tradução deste versículo não aparecem somente em português e as edições bíblicas de estudo sempre trazem uma nota revelando a outra possibilidade de tradução que não foi aquela escolhida para figurar no texto.

Ainda dentro da semântica passemos a algumas questões já na fronteira com a sintática. Como traduzir algumas locuções compostas com preposições? Em nosso caso-exemplo, a questão mais pontual parece ter se dado com a construção ἦν πρὸς + acusativo. Temos aqui uma forma verbal seguida de uma preposição dentre as mais complexas em grego, que pode reger três casos, sendo que aqui rege o acusativo. A construção ocorre uma vez no v. 1 e outra no v. 2. Em ambos os casos, seu uso serve para expressar como era *no princípio*, a relação da *Palavra* com *Deus*. Vejamos, pois, como

as edições que elencamos traduziram esta construção sintática. JFA, NTLH e BJ têm *estava com*; AV e CNBB trazem *estava junto de*; BP e TEB têm *estava voltada para*, e BPe opta por *se dirigia a*. Uma questão que me parece subjacente a esta construção é se este texto bíblico quer nos *dizer algo* ou quer nos *sugerir uma imagem*. Neste sentido, a tradução da BP e TEB é bem mais sugestiva. Eu, inclusive arriscaria a tradução *estava diante de*.

Neste campo das preposições, é digno de nota a variação na tradução da preposição *διὰ* no v. 3 (segue um genitivo). Afinal, tudo veio a ser *por* ele/a? ou *por intermédio* dele/a? Na linha da primeira opção foram AV e TEB; na linha da segunda opção foram BP, BJ, NTLH, BPe e CNBB. Novamente as edições que remontam à tradução de João Ferreira de Almeida se dividem: a RA se alinhando com a segunda opção e a RC ficando do lado da primeira.

Do texto em si, materialmente falando, passemos às questões de sua apresentação: como pontuar um texto? Para nosso caso-exemplo, como apresentá-lo? em versos ou em prosa? Os manuscritos antigos não usam a apresentação em versos e aqueles que são os mais antigos não trazem pontuação ou uma pontuação muito escassa. Das edições que elencamos acima, BP, BJ, BPe e TEB são aquelas que trazem a apresentação em forma de versos. Três outras versões colocam o texto em forma em prosa: AV, NTLH, CNBB. A tradução de João Ferreira de Almeida apresenta o texto por versículos. Quanto à pontuação, todas elas concordam, em essência, com a mesma pontuação.

Há, no entanto, uma questão interessante neste texto no tocante à pontuação. Ela se dá na porção de texto que para nós está na passagem do v. 3 para o v. 4. Este texto pode assim ser traduzido e pontuado:

³ ... E fora dele/a veio a ser coisa alguma do que veio a ser. ⁴ Nele/a estava a vida...

Ou

³ ... E fora dele/a veio a ser coisa alguma. O que veio a ser ⁴ nele/a era a vida...

Todas as edições que elencamos acima seguem a primeira pontuação.¹⁵

Passemos, enfim, a última questão. Nas edições atuais, o texto vem, quase sempre, envolto por um título e por notas. As edições com mais no-

¹⁵ A edição do Novo Testamento grego, à qual várias destas edições se referem, propõe, no entanto, o segundo modo de pontuação. Esta edição é aquela de K. ALAND, M. BLACK, C. M. MARTINI, B. M. METZGER e A. WIKGREN. *The Greek New Testament*. Terceira edição. Sociedades Bíblicas Unidas, 1975. Seria importante ressaltar que estamos nos referindo à terceira edição deste texto grego, sem que nos fosse possível conferir as edições anteriores que podem trazer outras propostas de pontuação.

tas dentre as que elencamos são a BJ, BPe, CNBB e a TEB. As edições que remontam ao trabalho de João Ferreira de Almeida e AV ou são desprovidas de notas ou trazem uma quantidade pequena de notas. As notas da BP são reduzidas e pretendem orientar para uma leitura *pastoral*. Atualmente, uma edição com notas tem mais consideração no Brasil. Assim, já surgiram novas edições de JFA e AV com notas, mas elas ainda não chegaram às mãos de um público maior. Outro aparato importante são as referências às passagens paralelas. Podemos encontrá-las na BJ, CNBB e TEB.

Este breve percurso – aliás, bastante breve – não nos permite tirar muitas conclusões. Vejamos, no entanto, algumas questões, olhando, primeiramente, a partir do texto bíblico aqui trabalhado e, posteriormente, a partir das edições aqui elencadas.

A primeira questão que gostaria de ressaltar é que um texto bíblico aparece quase sempre revestido de outros elementos, notadamente títulos, subtítulos e notas. Este aparato revestindo o texto é ainda maior em algumas edições, incluindo notas marginais de referências paralelas e introduções. Poderíamos nos perguntar até que ponto este aparato já determina sua leitura. O olho que lê o texto, o vê enquadrado neste aparato mesmo que não o leia. Seria preferível nosso contato com o texto nu? Interessante é notar que duas das edições da Bíblia de maior circulação no Brasil (JFA e AV) têm os mais reduzidos aparatos envolvendo o texto.

É sobretudo neste aparato que vamos encontrar as tendências exegéticas e teológicas dos editores de uma Bíblia. As notas trazem questões de exegese histórico-crítica ou de análise literária. Chamam a atenção para temas teológicos importantes em um autor ou em toda a Bíblia. Ou ainda nos informam de questões de história da recepção de um texto. A edição da Bíblia de Jerusalém no Brasil pode ser considerada como um marco importante da chegada da exegese histórico-crítica ao País. Isso não deixa de surpreender. Apesar da exegese histórico-crítica ter surgido sobretudo entre os protestantes, ela não teria deixado marcas importantes na edição da Bíblia usada pelos protestantes.

Uma outra questão ainda poderia ser levantada. Trata-se da importância do pentecostalismo hoje no Brasil. Apesar de inúmeras diferenças entre si, evangélicos de um lado, e carismáticos católicos de outro dão sua preferência a edições da Bíblia sem notas explicativas. A ausência de notas daria mais liberdade a estes grupos em suas interpretações da Bíblia?

A apresentação do texto em forma de prosa ou de poesia também precisaria ser levada em consideração. Nosso exemplo é ilustrativo para isso. A sensibilidade para apresentar um texto em forma de poesia é algo mais recente. É como se esta questão não tivesse importância. Que diferença faz um texto bíblico ser uma prosa ou um poema? O que importa não seria a mensagem deste texto? Onde está a mensagem: no conteúdo ou na forma? Admirar a beleza da forma ainda permanece um luxo!

O texto que apresentamos como caso-exemplo tem um mais de interesse relativo a esta questão porque a tradução de um poema tem suas particularidades. É preciso conhecer as formas poéticas de uma língua para se poder admirar a poesia desta língua. Em nosso caso, o efeito criado pelas repetições dão uma cadência especial ao texto. Como reproduzir este efeito em português de modo que o leitor brasileiro também se sinta levado por esta cadência? E nem entremos aqui na questão levantada por alguns estudiosos de que estes versículos que escolhemos seriam já uma tradução: a tradução grega de um poema em aramaico.

Outras questões ligadas à tradução nosso pequeno texto nos possibilitou ver: a das escolhas de significados, de equivalências semânticas e sintáticas, etc. Posso traduzir um termo grego sempre por um mesmo termo em português? Que fazer quando um termo oferece mais do que uma possibilidade de tradução? Certos termos e certas expressões bíblicas em português já aparecem como consagradas pelo uso, deve-se continuar a empregá-los em novas traduções bíblicas? Até que ponto se pode usar paráfrases? É preciso atualizar a linguagem da Bíblia? Ora se a Bíblia é um livro escrito há tanto tempo – e isso todos sabemos, mesmo as pessoas mais simples – como ela pode usar uma linguagem de hoje? Mas tampouco se trata de fazer da Bíblia um livro de arcaísmos incompreensíveis sob o risco de se precisar traduzi-la para um português compreensível. Vimos como as edições que elencamos acima enfrentaram algumas destas questões.

Certa vez, um professor de grego disse, em um colóquio bíblico, que algumas vezes os biblistas erram em algumas traduções. Não seria melhor se primeiro o texto bíblico fosse traduzido por um filólogo, um profundo conhecedor das línguas bíblicas, para que depois o texto fosse interpretado pelo biblista? A resposta veio em coro e de imediato. A própria tradução já é exegese. Faz parte do trabalho do biblista traduzir e interpretar. Aliás, em algumas línguas, como o aramaico, traduzir e interpretar são uma palavra

só. O exegeta é primeiramente um filólogo, no sentido mais original do termo: um amigo das palavras.

Neste sentido, os estudos bíblicos tiveram um grande avanço no Brasil a partir de quando a Bíblia passou a ser traduzida por brasileiros diretamente das línguas bíblicas. Algumas edições da Bíblia no Brasil são por isso muito importantes ainda que não sejam tão difundidas atualmente. Refiro-me à Bíblia Mensagem de Deus e à Bíblia Sagrada, da Editora Vozes.

Com o tempo, estas iniciativas foram obscurecidas pelo lançamento da Bíblia de Jerusalém no Brasil. Estamos no ano de 1981, como vimos acima. A Bíblia de Jerusalém foi o fruto de um novo trabalho exegetico importante, mas não se pode negar que ela ainda permanece uma edição estrangeira.

Para evitar equívocos, seria preciso dizer que, no Brasil, ser estrangeiro não é defeito. O Brasil é um país formado por muitos povos vindos de fora, alguns de muito longe. A língua veio de fora, assim como a própria Bíblia. A edição de João Ferreira de Almeida, por exemplo, foi feita na longínqua Indonésia. Ao chegar ao Brasil, o estrangeiro vai ganhando uma roupagem nova. Alguns projetos bíblicos internacionais foram bem adaptados no Brasil e ganharam força, tal a Bíblia de Jerusalém e a TEB.

Atualmente, estão em cursos outros projetos de edições da Bíblia no Brasil ou de revisões de edições já existentes. Há espaço suficiente para todas estas iniciativas? O futuro irá nos dizer. O que, no entanto, já nos parece seguro é que algumas traduções têm seu espaço garantido ao menos para as próximas décadas. E isso pode ser creditado na conta da vitalidade da Palavra de Deus que a Bíblia nos transmite quanto no gosto por falar esta língua que nós brasileiros temos.